

# Demissão e protesto tailandês

**BANCOC** – O primeiro-ministro da Tailândia, Chavalit Yongchaiyudh, promoveu ontem uma reforma no gabinete, a segunda em seus 10 meses de governo, substituindo os ministros das Finanças e do Comércio e nomeando mais tecnocratas. As mudanças, aprovadas pelo rei Bhumibol Abdulyadel, são uma tentativa do chefe do governo de acabar com os protestos populares e resolver a crise econômica que o país atravessa há meses, a pior em décadas.

Enfrentando fortes pressões para que renuncie, o premier tailandês parece depositar suas esperanças de resolver os problemas do país nessa reforma. Em comunicado divulgado por seu gabinete, Chavalit declarou que o governo estava ciente de que esse era um momento decisivo para o

país e que fizera da solução dos problemas econômicos e do restabelecimento da confiança suas prioridades.

O primeiro-ministro nomeou Kosit Panpiemras, diretor-executivo do Bangkok Bank, seu terceiro ministro das Finanças em 10 meses. Ele substitui Thanonng Bidayya, que anunciou sua renúncia domingo passado, apenas quatro meses depois de empossado. O presidente do Siam City Bank, Som Jatusipitak, foi nomeado ministro do Comércio no lugar de Naronchai Akrasanee.

Enquanto eram anunciados os nomes dos novos integrantes do governo, que toma posse hoje, prosseguiram as manifestações antigovernamentais iniciadas no começo da semana, com 200 tailandeses, concentrados em

frente à sede do governo, pedindo a renúncia do primeiro-ministro.

A saída de Bidaya do governo foi atribuída à interferência do primeiro-ministro em suas decisões, revogando um aumento dos preços dos derivados do petróleo autorizado dois dias antes.

Chavalit e sua coalizão de seis partidos são acusados de incapacidade para resolver os graves problemas econômicos da Tailândia. Em maio, o país foi alvo da ação dos especuladores que viram na declinante economia tailandesa e na instabilidade política do país sinais de que era hora de vender. Desde julho, o baht, a moeda nacional, caiu mais de 30 por cento e no mês passado o país teve que recorrer à ajuda do Fundo Monetário Internacional (FMI) para obter um empréstimo de 17,2 bilhões de dólares.